

Inclusão Social dos Surdos na Escola e Educação Superior¹

Rafaela Ordonio dos SANTOS²

Maria Luiza Maciel MENDES³

Betania MACIEL⁴

Resumo

O presente estudo busca mostrar como os surtos precisam ter a inclusão da língua portuguesa nas instituições de ensino e a importância destas para a sociedade, para que estas busquem alternativas capazes de diminuir o impacto que tais fatores causam nas pessoas. Logo se tem o objetivo de se comprometer com a qualidade de ensino e identificar os fatores que podem gerar desmotivação nos estudos. Antigamente os deficientes auditivos eram vistos apenas detidos a uma única forma de comunicação, através da Linguagem de Sinais. O comportamento de cada indivíduo surdo pode afetar diretamente no contexto de relacionamentos. Os objetivos dessa pesquisa foram: analisar se os alunos surdos estão satisfeitos com a metodologia em sala de aula; identificar as causas e efeitos de uma formação bilíngue. Nesse sentido, Pimenta (2001, p. 24), declara que "a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois ser surdo não é melhor ou pior do que ser ouvinte, é apenas diferente.

Palavras-chave: Deficiência Auditiva; Educação; Inclusão Social.

1. INTRODUÇÃO

A palavra surdez ou deficiência auditiva, de acordo com Secretaria da Educação Especial (2008), se remete a uma diminuição na capacidade de ouvir de um indivíduo. Vários são os fatores que levam uma criança a essa perda sendo: Congênitas, que é quando o ser já nasce surdo e a Adquirida, quando o ser por algum motivo específico perde no decorrer da vida a audição. O aparelho que mede o grau de sensibilidade auditiva de cada pessoa é o audiômetro, através da intensidade (dB). Sabemos que pela audição conseguimos identificar os sons no ambiente e esse aprendizado trazido desse sentido, ajuda no desenvolvimento da linguagem. Quando a criança ou

¹Trabalho apresentado no GT 5 (Cidadania e Sustentabilidade Ambiental, Social e Cultural) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação. cursando Graduação em Administração pela FACIPE

²Aluna ouvinte do curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local POSMEX/UFRPE sob a orientação da Profa. Dra. Betania Maciel.

³Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Faculdade Integrada de Pernambuco (FACIPE). Email: luizamaci24@yahoo.com.br

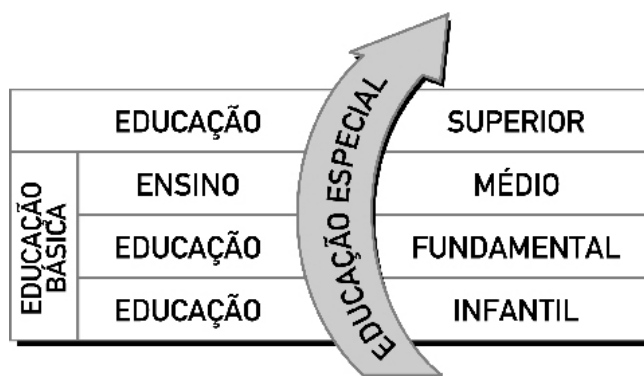
⁴Doutora em Comunicação e docente na Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da UFRPE e Profa. Titular IV da Faculdade Integrada de Pernambuco – FACIPE. Email: betaniamaciel@gmail.com

adulto é surdo, logo é prejudicado no processo de comunicação como meio onde vive. A educação escolar e a formação universitária das pessoas com surdez não é apenas questão de limitação, como também falta de inclusão da linguagem portuguesa onde impossibilita a comunicação com outras pessoas.

As pessoas que são surdas passam por vários problemas e principalmente quando o motivo é frequentar uma instituição de ensino.

Afirma que as trocas simbólicas provocam a capacidade representativa desses alunos, favorecendo o desenvolvimento do pensamento e do conhecimento, em ambientes heterogêneos de aprendizagem. Os estudantes são os principais prejudicados nas redes de ensino publico e privado. Poker (2001).

Existem vários confrontos quando se fala em igualdade para todos, inclusive os com deficiência auditiva. Pessoas alegam que os surdos precisam ser tratado de uma forma diferenciada de acordo com suas limitações, porém não é observado que esse comportamento é preconceituoso. Representamos na figura seguinte como o ensino é oferecido para pessoas com deficiência.



Skliar (1999) alegam que o modelo excludente da Educação Especial está sendo substituído por outro, em nome da inclusão que não respeita a identidade surda, sua cultura, sua comunidade. O que é necessário ter em mente é que os caminhos serão abertos para vida em coletiva além mesmo do convívio escolar. O lugar dos surdos são apenas em locais especiais, com pessoas especiais? Não estamos falando de retirar as escolas com metodologias especiais para surdos e sim em recolocá-lo em escolas ou instituições que tenham contato igualitário para todos. Conforme Dorziat (1998), o aperfeiçoamento da escola comum em favor de todos os alunos é primordial. Ela diz de uma forma clara que o professor precisa saber da comunicação em Libras, mas que isso não é suficiente para escolarização do estudante.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

No decorrer dos últimos anos tem-se preocupado com as diversas formas de aprendizagem para pessoas com surdez. Diante das três modalidades: a oralista, a comunicação total e a abordagem por meio do bilingüismo.

O oralismo é a capacidade do indivíduo aderir a língua local, onde é possível o mecanismo de voz e leitura labial. Não se consegue bons resultados, como diz Sá (1999), ocasiona déficits cognitivos, legitima a manutenção do fracasso escolar, provoca dificuldades no relacionamento familiar, não aceita o uso da Língua de Sinais, discrimina a cultura surda e nega a diferença entre surdos e ouvintes. Quando falamos em Comunicação Total, destacamos: textos escritos, linguagem gestual, porém os estudantes continuam separados e formados em grupos pela sua deficiência. Esta proposta, segundo Sá (1999), não dá o devido valor a Língua de Sinais, portanto, pode-se dizer que é uma outra feição do oralismo.

Por outro lado quando falamos do Bilingüismo (Língua de Sinais e a Língua da localidade ouvinte), damos ênfase ao aluno surdo com capacidade de adquirir duas línguas para o seu cotidiano. Sabemos que existe dificuldade em formações bilíngües, onde torna os currículos dos professores insuficiente para se ter ambientes escolares adaptados. No Brasil é normal nos depararmos com surdos com idades não compatíveis com a escolaridade que atuam.

Decreto 5.626/05 que regulamentou a lei de Libras. Esse Decreto prevê a organização de turmas bilíngües, constituídas por alunos surdos e ouvintes onde as duas línguas, Libras e Língua Portuguesa são utilizadas no mesmo espaço educacional. (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2008, p. 20).

Sabemos que as escolas que separam os surdos para apenas facilitar seus trabalhos, ou seja, usam didáticas iguais para todos e com isso não se dão conta que estão sendo segregadoras. Onde os surdos estão sendo incluído no direito de igualdade? Todos são capazes de aprendizado, mas é preciso que seja oferecido esse método de ensino. Sabemos claramente que a Língua de Sinais é a principal para o deficiente auditivo, mas só ela não é fundamental para o desenvolvimento e integração social. É preciso a introdução da língua portuguesa para resocializar o ser.

Através da pesquisa realizada por profissionais da PUC do Paraná em convênio com o CENESP (Centro Nacional de Educação Especial), publicada em 1986 em Curitiba, constatou-se que o surdo apresenta muitas dificuldades em relação aos pré-requisitos quanto à escolaridade, e 74% não chega a concluir o 1º grau. Segundo a FENES, o Brasil tem aproximadamente 5% da população surda total estudando em universidades e a maioria é incapaz de lidar com o português escrito' (FENES, 1995, p.7).

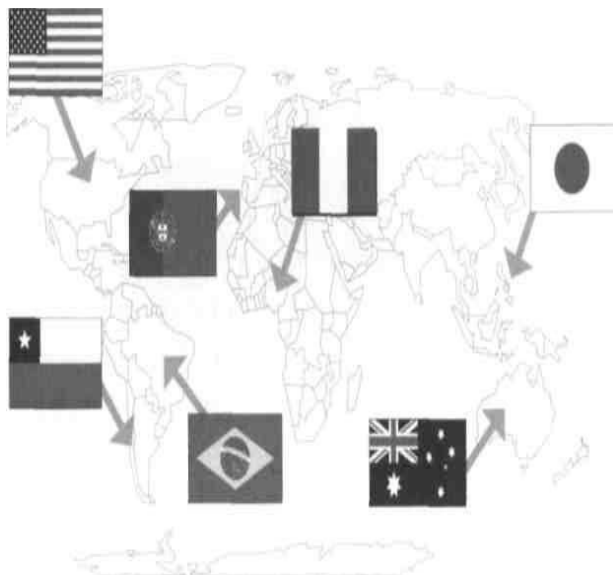
2.1 A língua Portuguesa

Depois de 05 séculos da colonização do Brasil, somos a nação mais falante da língua Portuguesa. Temos influencia de outros países como Portugal e África em nossa língua Portuguesa, tanto quanto regionalidade do país infiltrada nela, enriquecendo nosso idioma. No Mercosul a língua oficial pertencente a America Latina é o Português e Espanhol. Sabemos que quanto mais se fala uma língua, mas ela é vitalizada. Se faz importante se ter bem definida uma linguagem enquanto nação.

2.2. A Características das língua de Sinais

A linguagem de sinais utilizam pertence a uma modalidade: visual e espacial. Segundo (O Programa Nacional de Apoio à Educação para Surdos, 2004) Uma característica das línguas de sinais é que, diferentemente das línguas orais, muitos sinais têm forte motivação icônica. Os traços entoados a melodia no força, nas expressões faciais e orais, todos eles são os mais observados. Quando se observa as expressões na linguagem de sinais, Quadros (1995, p. 10) ressalta que 'os sinais, em si mesmos, normalmente não expressam o significado completo do discurso. Os deficientes auditivos usam de toda mecanismo corporal e facial (expressões) onde eles interrogam, afirmam, escondem, negavam, festejam e outras emoções. Essas características comuns são referidas como universais lingüísticos e são ilustradas conforme sistematização proposta em Fromkin & Rodman (1993 p. 25-6).

LIBRAS / LSB - Língua de Sinais Brasileira



LGP - Língua Gestual Portuguesa
ASL- Língua Americana de Sinais
LSF Língua Francesa de Sinais
HSE - *Hausa Sian Language* (Nigéria)
LIS - Língua Italiana dei Segni
LSF - Langue des Signes Française
ASL-American Sign Language
BSL - British Sign Language
LSA - Lengua de Senas Argentina
LSA - *Língua de Sinais Australiana*
USC - *Lengua de Senas Chilena*
JSL - [Japanese](#) Sign Language
LSQ - Langue des Signes Québécois
LSUK - Língua de Sinais Urubu Kaapor

Fonte: Imagem extraída do livro Ensino da língua Portuguesa para Surdos, p. 86

Existem algumas observações realizadas da Linguagem de Sinais:

I - Não se tem Línguas originais, o vocabulário de todas as línguas podem ser expandido de acordo para criar novos conceitos.

A seguir, ilustra-se o sinal para desig-nar e-mail /correio.

E-mail eletrônico, criado no contexto do recente surgimento dessa tecnologia.

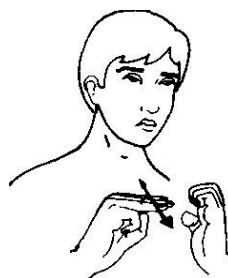
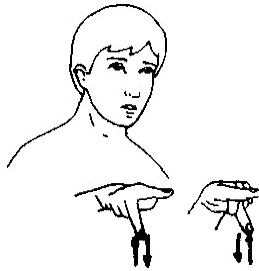


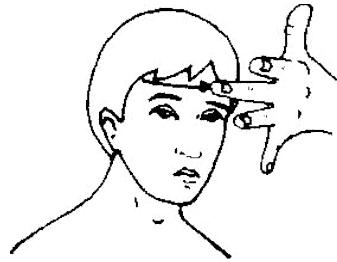
Imagem extraída do livro Ensino da língua

Fonte: Imagem extraída do livro Ensino da língua Portuguesa para Surdos, p. 87

II – As línguas mudam. Sinais de LIBRAS que mudaram na diacronia:



Fonte: : Imagem extraída do livro Ensino da língua Portuguesa para Surdos, p. 87



Fonte: : Imagem extraída do livro Ensino da língua Portuguesa para Surdos, p. 87

Pessoas (passado)

Pessoas(hoje)

III - As relações entre sons e significados das línguas faladas e entre os gestos (sinais) e os significados das línguas de sinais são em sua maioria arbitrários.

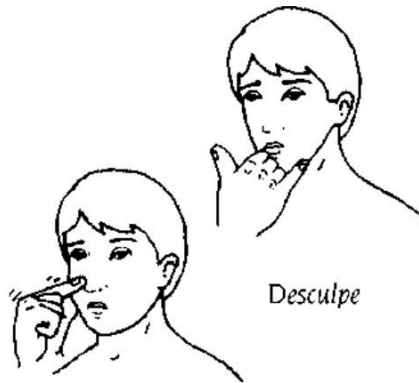
Sinais imotivados:

Icômco

Nao-icômco



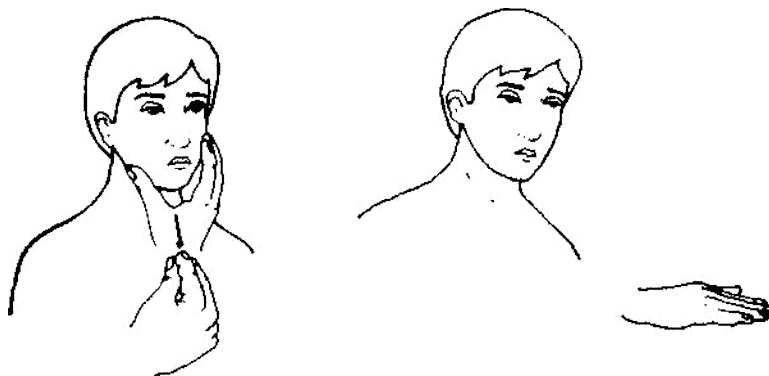
Arvore



Biscoito

Desculpe

IV - Um processo recorrente de formação de palavras em LIBRAS é a composição.



Homem ^ Pequen@ = Menin@

A formação de orações segue o padrão SVO.

EU GOSTAR MAÇÃ 'Eu gosto de maçã.'

EU GOSTAR BANANA 'Eu gosto de banana.'

EU GOSTAR VOCÊ 'Eu gosto de você.'

EU GOSTAR VOCÊ 'Eu gosto de você.'

V – As crianças nascida em qualquer lugar do mundo, independente da sua localização tem a capacidade de aprender qualquer línguas.



Fonte: : Imagem extraída do livro Ensino da língua Portuguesa para Surdos, p. 94

2.3 Identidade e Cultura Surda

A cultura é onde se constitui uma identidade. Quando a comunidade surda interagi com comunidades surdas, é formada uma identidade de seres surdos. De acordo com Perlin (1998), a identidade pode ser definida como:

- Identidade flutuante, na qual o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- Identidade inconformada, na qual o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;
- Identidade de transição, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada o surdo passa por um conflito cultural;
- Identidade híbrida, reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- Identidade surda, na qual ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os vêem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

Por isso que é mais fácil os surdos permanecerem nos seus grupos e não querer interagir com pessoas não surdas.

2.4 Introdução Bilingue nas instituições de Ensino

A intenção principal que a escola seja inclusiva e garanta o aprendizado a pessoas com deficiência. Os ambientes de ensino precisam desenvolver o bilíngüismo, ou seja, implantado a língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Se faz necessário um período de aula a mais para o Atendimento Educacional Especializado.

Quadro 1 - Etapas das fases didático-pedagógicas:

		METODOLOGIA
1º	Etapa - Atendimento Educacional Especializado em Libras	Os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares são explicados nessa língua por um professor, sendo o mesmo preferencialmente surdo. Esse trabalho é realizado todos os dias, e destina-se aos alunos com surdez.
2º	Etapa - Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras na	Este trabalho é realizado pelo professor e/ ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo), de acordo com o estágio de desenvolvimento da Língua de Sinais em que o aluno se encontra. O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais.
3º	Etapa - Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa	Este trabalho é realizado todos os dias para os alunos com surdez, à parte das aulas da turma comum, por uma professora de Língua Portuguesa, graduada nesta área, preferencialmente.
4º	Etapa - Constitui um dos momentos didático-pedagógicos	A organização didática desse espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado dos conteúdos curriculares em estudo, na sala de aula comum.

Fonte: Damázio, Mirlene Ferreira Macedo, 2007.

Todas essas etapas são do Atendimento Educacional Especializado é realizada juntamente com os profissionais de Libras, professores de Língua Portuguesa e Professores de outras matérias para ministrar aulas para alunos surdos. Os mestres precisam estar bem aprofundados nos assuntos e antes ter feito o planejamento da aula, bem como acompanhar cada aluno. Os alunos com deficiência auditiva, são observado pelo conjunto institucional por completo. Assumindo assim a grande tarefa de implantar o bilinguismo e entendendo que essa tarefa é realizada de médio, a longo prazo. Esse conhecimento servira para introduzir o surdo no meio social.

Modelos de Ensino para surdo:

Figura 1 Modelo teórico de ensino para surdos.



Fonte: DAMAZIO (Atendimento Especial Especializado) p. 32, 2007.

Figura 2 - Modelo teórico de ensino Bilingue para Surdos. Professores ensinando em Libras, termos científicos.



Fonte: MIRLENE FERREIRA MACEDO (Atendimento Especial Especializado) p. 28, 2007.

3. METODOLOGIA

Pesquisa Exploratória

Essa pesquisa têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ et al., 1967, p. 63).

A pesquisa exploratória segundo Vergara (2000), é realizada em área na qual a pouco conhecimento científico acumulado ou sistematizado.

Como qualquer exploração, a pesquisa exploratória depende da intuição do explorador (neste caso, da intuição do pesquisador). Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2008).

4. Referências bibliográficas

POKER, Rosimar Bortolini. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas:** uma proposta de intervenção educacional. UNESP, 2001. 363p. Tese de Doutorado.

Damázio, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado:** Formação continuada a distancia de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. 2007, Brasília: MEC, SEESP e SEED.

SALLES, Heloisa Maria Moreira / FAULSTICH, Enilde / CARVALHO, Orlene Lucia / RAMOS, Ana Adelina Lopo. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos:** Caminhos para Prática Pedagógica. Brasília 2014.

Ministerio da Educação. **Saberes e Prática da Inclusão:** desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. Secretaria de Educação especial. Brasília 2006.

DIAZ, Feliz / BORDAS, Miguel/ GALVAO, Nelma / MIANDA, Theresinha. **Educação Inclusiva,** Deficiência e Contexto Social: Questões Contemporaneas. Salvador 2009.